

SBH
Vp 205 P
1/2

70/06/13

Faculdade Brasil



Sérgio Buarque de Holanda

OS CONFINS DO HOMEM

(...) o fato de o livro não ter propriamente uma conexão lógica de psicologia não obriga propriamente... Isto é, conexão lógica de psicologia ele tem, quem não tem é Macunaíma, e é justo nisso que está a lógica de Macunaíma: em não ter lógica. É fácil de provar que estabeleci bem dentro de todo o livro que Macunaíma é uma contradição de si mesmo" (Mário de Andrade, em carta a Manuel Bandeira, 27/11/1927).

E, mais adiante, ainda em correspondência ao poeta: "Fiz questão de mostrar e acentuar que Macunaíma, como brasileiro que é, não tem caráter. Isso eu falava no prefácio da segunda versão e mostrarei pra você aqui. Ponha reparo: Macunaíma ora é corajoso, ora covarde. Nada sistematizado em psicologia individual ou étnica."

Para o escritor paulista, que achava que "o símbolo em arte não é simbolismo" mas "síntese duma coisa que existe", Macunaíma não simboliza o brasileiro, vive por si, dentro do caráter que possui que é "justamente o de não ter caráter." O herói da nossa gente — na opinião do seu criador — evoca "sem continuidade" valores étnicos "ou puramente circunstanciais de raça."

O SENTIDO DO MITO

Este é o parecer do professor Sérgio Buarque de Holanda — companheiro de Mário nos idos do Modernismo, redator da revista *Klaxon*, surgida em 1922, hoje aposentado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e autor de um livro considerado fundamental para a compreensão do povo brasileiro, *Raízes do Brasil* — e no qual insiste, baseado nos contatos pessoais que teve com o líder da Semana de Arte Moderna:

— Macunaíma não representa o caráter brasileiro. Não foi essa, absolutamente, a intenção. Nem é ele inspirado num tipo específico. Pode ser que exista alguma reminiscência, o próprio Mário confessou, de um ou outro elemento. De Osvald de Andrade, por

um personagem mítico, enriquecido com um complexo estrutural que une o lírico e o irônico ao reagrupamento nuclear de uma fala que participa, ao mesmo tempo, do oral e do escrito." Discorda daqueles que, na época, como Tristão de Athayde, apontaram no estilo do romance uma língua de candomblé. A própria artificialidade linguística, que, segundo Franklin de Oliveira, conspira contra a obra, aliada à "ausência de alquimia estética" sobre o seu orgânico, observada pela crítica (*Viola d'Amore*, Edições do Val, Rio, 1965), não significam "discrepância entre as concepções do romance e a sua matéria executada". Acredita, até, que essa adequação entre "o quê" e "como" se conta, é testemunha de objetivos atingidos.

— *Macunaíma* é reunião de fatores dispersos, a serviço de uma conexão íntima vinculada ao ser, ao homem.

AS VÁRIAS FRONTEIRAS

Houve entusiastas e negadores — desde os grupos iniciais do movimento modernista, de onde surgiram as primeiras dúvidas — mas, muito discutida, a rapsódia marioandradina continua, o que é básico, crescendo aos olhos de todos. O historiador Sérgio Buarque de Holanda o sorriso aberto da majestade ressalta que o destino de *Macunaíma* difere, radicalmente, de livros como *Lições de Abismo* (Gustavo Corção) e *O Estrangeiro* (Plínio Salgado), de que se falou um certo tempo e depois passaram "ao devido esquecimento".

— Porque faltou, a eles, o que sobra no romance de Mário: a técnica de narrar, o recurso do fundamento verbal, a ciência de criar. O signo do gênio.

Passados tantos anos, essas coordenadas estilísticas encontraram sua etapa mais fluída na potencialização do equipamento literário de João Guimarães Rosa. Não numa consistência especialmente ecológica ou poética, mas de configuração física, de ingrediente formal, de composição da palavra no desenvolvimento da frase como criação. Sérgio

Jornal do Brasil
13.06.1970

exemplo, creio que sim. Há algo.

— Houve um caso de que nem me lembrava e que fui lembrar, vendo o filme, muito bem feito aliás, de Joaquim Pedro (filho de um grande amigo e meu compadre duas vezes, Rodrigo Melo Franco de Andrade). É quando Macunaíma responde aos irmãos que mentiu, ao ser descoberto dizendo uma inverdade. Isso foi um fato que se deu bem antes de o livro sair, e se deu com Osvald. Havia naquele tempo um salão intelectual — entre vários outros, muito concorridos — o de dona Olívia Guedes Penteadó, onde os modernistas se reuniam. O Osvald havia chegado da Europa, brígado com Vila-Lóbos. Ele era assim. Geralmente descobria um talento, de quem se fazia amigo e a pessoa ficava um génio durante seis meses, depois passava a ser cretino. Vila não foi descoberta déle mas era um homem que fôra deus pra éle uma certa época. Pois numa reunião em casa de dona Olívia, após a briga com o compositor. Osvald fêz severas restrições aos conhecimentos musicais de Vila-Lóbos, aproveitando-se das famosas gafes do artista (que confundia Jules Romains com Romain Rolland). Pressionado pelos demais, inconformados ante o fato de não ser o escritor um entendido em música, éle redarguiu que fôra Mário quem o informara das deficiências do outro. Todos acharam esquisito, e procuraram pôr as coisas em pratos limpos. Mário afinal sempre exaltara a genialidade de Vila-Lóbos. Encostado à parede por Mário, depois, Osvald, rindo, esclareceu: "Eu menti." Isso está no *Macunaíma*. O que não quer dizer que Macunaíma seja Osvald de Andrade.

Sérgio Buarque de Holanda nota que "êsse tipo de figura rabelaisiana que é Macunaíma" tem qualquer coisa do "poeta assassinado" de Guillaume Apollinaire, "um tema fantástico trabalhado sobre fontes variadas, como as lendas indígenas do antropólogo alemão Koch Grumberg nas fronteiras das Guianas:

Buarque, que tinha 19, 20 anos de idade à época da Semana de Arte Moderna, pensa exatamente assim agora.

Se o livro é perfeito, imutável? O autor de *Raízes do Brasil*, já em 5.^a edição, dá a deixa a Mário de Andrade:

— Não me releio nunca, e agora tendo que pegar no *Macunaíma*, quanta coisa eu mudava. Aliás mudar o que consola é que não significa melhorar. Mudava pro eu de agora, o avanço em idade vai quebrando as arestas, mas nos diamantes são as arestas que brilham, conselheiro Acácio (carta a Manuel Bandeira, 12/12/30).

Sérgio Buarque de Holanda traduziu para o português as lendas que o alemão Grumberg coligiu na Amazônia e em todo o Norte do país, porém jamais escreveu uma linha de comentário ao romance de Mário.

— Diversas páginas me foram lidas antes de publicado o livro, de modo que pude acompanhar praticamente uma fase da organização escritural. Além do mais, Paris vai, Paris vem, a coisa foi ficando nisso.

O professor Sérgio observa que, além de Koch Grumberg, *Macunaíma* foi inspirado por Barbosa Rodrigues (*Poranduba Amazonense*), Capistrano de Abreu (*A Língua dos Caxinauás*) e Couto de Magalhães (*O Selvagem*), fora outros cujos nomes "se pendem na noite dos igarapés."

Um traço definido, que o historiador se permite destacar, é o que identifica os episódios picarescos desse malazarte ameríndio com a ressonância indianista de "Iracema, a virgem dos lábios de mel."

— José de Alencar e Mário de Andrade são dois instantes epônimos de um sentimento nacionalista que, indianista no romantismo ou modernista, hoje, faz com que as grandes letras descubram o Brasil.